

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
PAULO HENRIQUE SEUNG CHUL CHUN

11 DE SETEMBRO:

PERSPECTIVAS CINEMATOGRAFICAS SOBRE AS POLITICAS NORTE  
AMERICANAS PÓS ATENTADO

São Paulo

2019

Paulo Henrique Seung Chul Chun

Nº USP 7648304

11 de setembro:

Perspectivas cinematográficas sobre as políticas norte americanas pós atentado

Monografia de graduação apresentada à  
Universidade de São Paulo, Escola de  
Comunicações e Artes, Curso de  
Comunicação Social: Habilitação em  
Relações Públicas.

Orientador: Paulo Nassar

São Paulo

2019

CHUN, Paulo Henrique Seung Chul

11 de setembro: Perspectivas cinematográficas sobre as políticas norte americanas pós atentado

Monografia de graduação apresentada à  
Universidade de São Paulo, Escola de  
Comunicações e Artes, Curso de Comunicação  
Social: Habilitação em Relações Públicas.

Orientador: Paulo Nassar

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Roberto Nassar de Oliveira

Instituição: ECA USP

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Ciclos, um conceito que se encontra tão qual os rios e as cebolas nos devaneios poéticos, filosóficos e naturais da nossa sociedade. São os ciclos que representam a contínua evolução de um ser ou a sua passagem para a inexistência e, nessa dialética, me encontro refletindo sobre meus próprios ciclos, assim como meus rios e cebolas também.

Não poderia deixar de notar alguns seres humanos ímpares em sua existência física e que por Deus ou o caos entrelaçaram seus ciclos aos meus.

O primeiro e talvez mais essencial pensamento vai para minha avó, que em sua plena existência terrena me dedicou amor e sabedoria e no encerramento do seu ciclo se juntou ao meu. Caminhamos juntos, 할머니.

A minha mãe, Yoon, meu pai, Bong, tio Thomas e Caio, que desaguaram afluentes morais e intelectuais no meu percurso, o que sou é de vocês e para vocês.

Ao professor doutor Paulo Nassar, que abriu o meu horizonte para o fazer audiovisual como linguagem comunicacional por meio do Memórias Ecanas, introduzindo a oportunidade de levantar vozes que, por conta da dinâmica global, são despercebidas. Também pela liberdade dada a desenvolver uma pesquisa pessoalmente edificadora e, espero, relevante à sociedade, por meio desta monografia.

Queridos amigos, que em tantos, me permito consolidar grupos: a Jeca Júnior, por serem pessoas inspiradoras e tão impactantes na minha boemia; a gestão 25 e 26 da ECAtlética, provavelmente não estaria escrevendo essa dedicatória se vocês não tivessem me motivado a insistir nessa escola, a família Cristina que foi minha verdadeira escola de pessoas e relacionamentos, ao Dream Team por serem os imprestáveis que quero carregar pro meu ciclo maior tão perto quanto sempre estivemos e aos amigos do Madre Cabrini, mas pessoalmente Duh e Renan, destaco seus nomes seguindo o critério da ordem alfabética, pois ousando futilizar importâncias comparadas não conseguiria terminar este texto a tempo .

Grupos e entidades se misturam na minha cabeça, os envolvidos acima alcançaram o lugar no meu Olimpo pessoal, mas não posso deixar de lembrar da

Escola maravilhosa de Comunicações e Artes, lugar do meu ciclo mais intenso, das minhas expansões intelectuais, das mais marcantes balbúrdias e de alegrias tão genuínas quanto a que sinto rememorando este agradecimento. Também o Abacateiro Filmes e seus notáveis abacates, que me abraçaram, me aceitaram e me empregaram (rs), vocês me permitiram vivenciar o cinema de maneira tão viva quanto nenhuma premiação do Oscar permitiria.

Por fim a vida, que se mantém mistério e me desafia com ciclos, me joga em rios e descasca sem dó. Me permito o devaneio que se reserva aos grandes, pois sinto que encerro esse ciclo com a grandiosidade que ela me foi apresentada, afinal, como cantou o rei: Me considero assim, pois só ando entre reis e rainhas.

## RESUMO

O cinema tem evoluído desde sua criação acompanhando as evoluções tecnológica e também tem se transformado quanto a motivações e interpretações, que se expandem para além da manifestação artística. Tais mudanças influenciam e são influenciados pela cultura de uma sociedade e são potencializados por meio da mídia, que hoje conta com a internet. Desse modo escolheu-se investigar a forma como os filmes e políticas norte americanas pós 11 de setembro se comunicam, através das investigações sobre a Cultura de Mídia. Por fim busca-se revelar a mudança nas narrativas dos filmes norte americanos sobre as guerras travadas pela administração Bush-Cheney e o discurso da “guerra contra o terrorismo” conforme o distanciamento histórico e o entendimento dos fatos.

Palavras-chave: Cinema; 11 de setembro; Guerra ao Terror; Cultura de Mídia; Política; Novas Narrativas

## ABSTRACT

Cinema and its technologies have been evolving since its creation, reimagining itself in its motives and interpretations, and expanding beyond artistic expression. These are processes that influence and are influenced by the entire culture of its society, boosted by the media and, today, the internet. This work intends to investigate the ways in which movies and politics in the post-9/11 America correlate, from a Media Culture approach. The research focuses on how the wars fought on the Bush-Cheney era are portrayed in films and the “war on terrorism” policies and campaign, now put in historical perspective.

Key-words: Cinema, 9/11; War on Terror; Media Culture, Politics; New Narratives

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – 10 maiores bilheterias mundiais.....	17
Figura 2 – 10 maiores bilheterias de produção brasileira no país.....	18
Figura 3 – A guinada democrata nas eleições norte americanas de 2006.....	33

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. O resgate conservador do século passado.....	14
2.1. 11 de setembro.....	14
2.2. Cinema, política e a cultura de mídia.....	16
2.3. “O inimigo agora é outro”.....	22
3. O legado do 11 de setembro no cinema.....	25
3.1. Os filmes da era Bush.....	26
3.1.1. As Torres Gêmeas (2006).....	27
3.1.2. Guerra ao Terror (2008).....	29
3.2. Os filmes da era Obama.....	33
3.2.1. Relutante Fundamentalista (2012).....	35
3.2.2. Sniper Americano (2015).....	38
3.3. Rupturas e continuidades.....	41
4. Considerações finais: Um anúncio dos novos tempos.....	45
5. Referências.....	48

“Guerreiro, meus guerreiro em frente  
Guerra não, guerra morre gente  
Num queira guerra que eu só vi guerra  
desde sempre  
E é deprimente” - Don L

## 1. Introdução

A história nos conta que a guerra sempre caminhou com os seres humanos, ela foi desde os tempos antigos a maneira como uma sociedade poderia ter domínio sobre outra, seja em recursos, seja em território ou ideologia. Nem o Brasil escapa do fado dessa tragédia com a Guerra do Paraguai<sup>1</sup>, apesar de setores pretorianos da nação constantemente buscarem apagar o passado sangrento em que se envolveram. Ao mesmo tempo, é inegável a conclusão de que o desenvolvimento ocorreu em matéria da vontade de não se perder uma disputa, a busca pela melhora na eficiência dentro do campo de combate muitas vezes resultou no desenvolvimento tecnológico de um país. A guerra também tem sido um meio comum de conduzir relações internacionais (GREEG, 1998) e assim tem marcado políticas externas de governantes em todo o mundo.

Sob essa perspectiva, a violência, principalmente revelada em disputas sangrentas por alguma ideologia marcam nossa cultura, e conseqüentemente os frutos das ações culturais da humanidade, seja na pintura em que se retratavam os grandiosos triunfos ou homéricas batalhas como em “Liberdade guiando o povo” de Eugène Delacroix e “Independência ou morte” de Pedro Américo, quanto em filmes, desde Eisenstein a Spielberg. A mídia toma papel fundamental na diversidade que conseguimos preservar nossa memória, mas assim como discursos políticos, a cultura de mídia ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos (KELLNER, 1989), portanto existe uma transcodificação dos discursos políticos de uma determinada época.

No começo de 2019, o lançamento de um filme me chamou a atenção por contar a história, que até então eu desconhecia, do vice presidente dos Estados Unidos no governo de George W Bush, Dick Cheney. O trailer já revelava a oportunidade de conhecer “a história jamais contada que mudou o rumo da história”, e de fato me trouxe conhecimento mas também reflexões sobre como se desenrolaram as políticas norte

---

<sup>1</sup> A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul, ocorreu de dezembro de 1864 a março de 1870 e foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta pelo Brasil, Argentina e Uruguai.

americanas pós 11 de setembro, de uma maneira que não somente pela montagem diferenciada do filme mas também a impressão de uma nova narrativa na maneira de contar aquela conhecida, mas pouco entendida, política de “Guerra ao Terror” contada por Hollywood.

Tive aí a vontade de retomar um tema que parece ter sumido do debate internacional e me deparei com a descoberta de acadêmicos como Douglas Kellner e Noam Chomsky, “americanos diferentes” como diria um querido professor, que desde o início parecem ter sido críticos às políticas externas norte americanas para retaliação do atentado. Ao mesmo tempo que o universo cinematográfico estava me rodeando e a reflexão sobre a cultura de mídia norte americana com as políticas de guerra ao terrorismo e seus desdobramentos se tornou natural. É interessante notar que buscando mais referências cinematográficas sobre o atentado em si, há de se concluir que pelo fato de ser um evento histórico traumático para os americanos, os filmes que relatam o 11 de setembro são escassos. Como revela Marilia Schramm:

Notamos que, para os norte-americanos, os atentados se tornaram algo intolerável de ser visto ou falado abertamente. Imagens das Torres Gêmeas foram apagadas digitalmente de filmes, como no caso de o “Homem-Aranha” (*Spider-man*, Sam Raimi, 2002), cujo trailer apresentava o super-herói prendendo um helicóptero cheio de ladrões em uma gigantesca teia situada entre as duas torres do World Trade Center. (REGIO, 2017 pg. 39)

Ainda segundo a autora, podemos considerar que a primeira ficção tratadora do tema foi feita nos quadrinhos, mais especificamente com o volume 36 de “Amazing Spider-Man” a história se ambienta logo após o atentado (Marillia Schramm Regio, 2017, pg. 40) e foi lançada em dezembro do mesmo ano ao atentado, sendo que somente em 2006 é lançado um filme que leva o nome “Torres Gêmeas” - *World Trade Center* em inglês - em seu título e que tem sua trama totalmente envolvida nas horas subsequentes do atentado em Nova Iorque.

Assim, apesar de inúmeros documentários produzidos sobre o atentado, com especulações, teorias e fatos, além de séries que reforçaram o caráter de luta contra o terrorismo como “24 horas”, procurei me ater em duas frentes centrais para a pesquisa deste trabalho, obras cinematográficas “Hollywoodianos” e que conversassem com os desdobramentos das invasões norte americanas nos países árabes, as guerras. Duas

realizações nunca saíram da minha lista, “Guerra ao Terror” e “Sniper Americano”, são filmes de guerra que conversam abertamente com o militarismo norte americano dentro dos países invadidos. Assim em uma conversa com um especialista surgiu o interessante dado de que cada um destes filmes foi feito em um governo diferente, o primeiro durante o governo Bush e o outro durante o governo de Barack Obama.

Se tornou inevitável a provocação para comparação dos dois filmes, uma vez que os governos em que foram produzidos os filmes transitavam no ciclo, republicano-democrata dos governos norte americanos. Ainda assim, um objeto essencial da análise deste trabalho não estava claramente representado nessas duas superproduções, o próprio atentado do 11 de setembro. Como descrito acima, a produção norte americana sobre o próprio atentado é escassa e portanto determinei duas linhas de filmes para análise: a relação de um indivíduo com o 11 de setembro e a relação de um indivíduo com o desdobramento da guerra ao terror, este último em que os dois filmes de guerra se encaixam. Nessa classificação, me parece interessante incluir na primeira categoria o próprio filme “As Torres Gêmeas”, e “O Relutante Fundamentalista”, uma vez que retratam como a vida do personagem foi influenciada diretamente pela queda das Torres Gêmeas.

Assim, no primeiro capítulo pretendo trazer um panorama histórico do atentado do 11 de setembro, das políticas conservadoras dos Estados Unidos pelos governos Reagan e Bush pai e como a produção de filmes de guerra teve papel de transcodificar as atitudes intervencionistas e militares nos países do Oriente Médio, resgatando os conceitos de cultura de mídia de Douglas Kellner para traçar a relação entre cinema e política. Buscarei também apresentar conceitos de opinião pública para complementar a ideia da influência da comunicação de massa para a aprovação da população, além de apresentar quais foram as decisões tomadas por Bush filho em relação aos atentados na chamada “guerra contra o terrorismo” que marcou não só a política norte americana nos próximos anos, mas também a de outras potências globais.

No segundo capítulo trato de trazer os conceitos de transcodificação defendidos por Kellner para comparar a produção cinematográfica nos períodos de governo de George W. Bush e Barack Obama, com os filmes “As Torres Gêmeas” (2006) e “Guerra ao Terror” (2008) do primeiro governo e “O Relutante Fundamentalista” (2012) e

“Sniper Americano” (2015) para o segundo governo. Acredito haver um espaçamento temporal interessante entre a produção desses filmes com políticas externas marcantes nos períodos de produção e lançamento deles.

Por fim, nas considerações finais buscarei apresentar os possíveis caminhos que as narrativas cinematográficas podem tomar frente a complexidade que a sociedade cada vez mais se encontra, com a crescente força da extrema direita em importantes atores políticos no cenário mundial, mas também a diversificação conquistada pelas campanhas contra o racismo e machismo dentro de Hollywood, além do crescimento de plataformas alternativas para filmes que permitem uma maior democratização da produção de mídia, mas também o crescimento de fatores como os produtores independentes de filmes. E enfim, refletir sobre as possibilidades de anúncio que um filme como “VICE” (2019) pode trazer para as novas narrativas americanas.

## **2. O resgate conservador do século passado**

### **2.1.11 de setembro**

No dia 11 de setembro de 2001 a humanidade presenciou um fato que mudaria para sempre os rumos, medos e convicções do mundo ocidentalizado, haveria uma surpresa para civis e executivos americanos, turistas, expatriados e agentes federais, quando, a distância, um avião que colidiu com uma das torres da dupla de prédios mais altos do complexo World Trade Center, as Torres Gêmeas. É interessante a reflexão de que as pessoas nascidas até o ano de 1996 têm lembranças do atentado, onde estavam e como assistiram.

O dia foi marcado pelo sequestro de quatro aviões comerciais, ação assumida posteriormente pela organização terrorista internacional al-Qaeda, que tiveram suas rotas alteradas para atingir marcos simbólicos do poder norte americano, segundo Douglas Kellner (2010 p. 98) os ataques tinham a intenção de aterrorizar os norte americanos selecionando alvos simbólicos: o World Trade Center era o símbolo do capitalismo global no coração do distrito financeiro de Nova Iorque, enquanto o Pentágono assumia a iconografia do poderio militar dos Estados Unidos. O quarto avião tinha destino a Casa Branca, mas por heroísmo ou desespero dos passageiros o controle do avião foi retirado dos terroristas e o avião acabou caindo em um campo aberto próximo a Shanksville, Pensilvânia.

O ato de terror foi marcado pelo desespero de uma nação que jamais se imaginaria sendo atacada de uma maneira tão ficcional, como presenciar aviões atingindo duas torres e vendo-as desmoronar. Os norte americanos de fato não estavam preparados para um ataque, os canais de notícia de todo o mundo transmitiam os acontecimentos ao vivo, como um devaneio de um filme de catástrofe e abalou inúmeros países que de prontidão se solidarizaram e aderiram ao discurso de levar as consequências aos responsáveis, como questiona Derrida em uma entrevista, “o que teria sido o „11 de setembro” sem a televisão?”. De fato, talvez suas proporções fossem bem menores (2004, p. 118, apud. Marillia Schramm Regio, 2017 p. 30).

A gestão de Bush prontamente reagiu aos ataques lançando a campanha de “Guerra ao Terror”, sob a premissa de levar Osama bin-Laden e a al-Qaeda à justiça,

invadindo o Afeganistão, e instaurando uma guerra que acontece até hoje. Dois anos depois, em 2003, também invade o Iraque com a mesma premissa da guerra contra o terrorismo. Como comenta Marília Schramm Regio (2017, p.34) “Foi o estopim para alavancar a política articulada pela administração Bush denominada “Guerra ao Terror”. Do outro lado, a justificativa dada pela organização terrorista para o atentado foi a constante presença de tropas norte americanas pós guerra do Golfo, que será abordada mais à frente e a política externa norte americana em relação a Israel.

Apesar de um ato de terror de tamanha proporção não ser justificável de nenhuma maneira, há também críticas na forma que os Estados Unidos e seus aliados prontamente agiram e as guerras que traçaram sob a premissa de um combate ao terrorismo que se dirigia exclusivamente aos povos muçulmanos. Fica evidente o posicionamento da mídia norte americana, bem como nos maiores jornais do mundo, a parcialidade quanto a abordagem desta guerra, como revela Noam Chomsky:

“Figuram como “antiterrorismo”, ou como uma “guerra justa”. E o princípio é que, quando alguém pratica o terrorismo contra nós [americanos] ou contra nossos aliados, isso é terrorismo, mas quando nós ou nossos aliados o praticamos contra outros, talvez um terrorismo muito pior, isso não é terrorismo, é antiterrorismo ou guerra justa” (CHOMSKY, 2005, p. 78).

Como foi abordado a temática do 11 de setembro em filmes se apresenta escassa por envolver um evento traumático para os Estados Unidos, algumas produções até arriscaram inserir o atentado como premissa para o desenvolvimento de uma trama, às vezes sem mesmo mostrar o impacto dos aviões ou a queda das torres. Apesar disso algumas outras produções trouxeram as perspectivas da relação do atentado com a sociedade e seus desdobramentos, afinal, a luta contra o terrorismo precisava de um apoio contínuo da sociedade através do espetáculo da guerra, que foi um grande aliado da agenda conservadora na classe política norte americana desde o governo Reagan, e que tinha se mostrado eficiente em alavancar a opinião pública no apoio a políticas militaristas, como mostraremos a seguir.

## 2.2. Cinema, política e a cultura de mídia

Os governos republicanos dos Estados Unidos, a partir de Ronald Reagan, têm sido marcados por uma agenda fortemente conservadora, fazendo uso do militarismo para impor sua dominação em outros países, isso fica mais evidente quando traçamos um histórico das chamadas “intervenções humanitárias”, invasões e guerras travadas por Reagan, Bush pai e filho.

Com Ronald Reagan houve a Invasão de Granada em 1983, o bombardeio da Líbia em 1986, apoio bélico ao Irã na guerra Irã-Iraque (1980 a 1988), num escândalo que ficou conhecido como Irã-Contras; com George H. W. Bush tivemos a invasão do Panamá de 1989 a 1990 e a Guerra do Golfo de 1990 a 1991; e então seu filho, George W. Bush que invadiu e travou a Guerra do Afeganistão pós 11 de setembro de 2001, que tem tido desdobramentos até os dias de hoje, e com a guerra do Iraque de 2003 a 2011.

Ronald Reagan, que antes de ser presidente foi ator e um membro importante da indústria cinematográfica norte americana, tendo sido presidente do sindicato dos atores dos Estados Unidos (Screen Actors Guild - SAG), teve no cinema o grande trunfo de legitimação da agenda conservadora de seu governo. Essa estratégia foi cultivada e entendida de maneira ainda mais eficiente com George Bush pai utilizando não somente o cinema como também outras mídias como canais de televisão e jornais.

O cinema que, manifesta-se enquanto um artefato industrial que, pela particularidade de proporcionar a sua “reprodutibilidade técnica” em grande escala, como observou Walter Benjamin (2012, apud. Marília Schramm Regio, 2017, p. 105), se encaixa como forma manifestação artística, mas também um meio de comunicação de massa. Segundo Polistchuk e Trinta (2003, apud. Michelle S. Izawa, 2006), a *mass media* significa meios de comunicação tecnicamente aptos à difusão simultânea de toda espécie de informação, destinando-a a um número indiscriminado de indivíduos, em geral uma grande audiência, caracterizada por sua heterogeneidade, anonimato e dispersão geográfica.

Pelo próprio funcionamento da indústria cinematográfica, seria inviável a produção de um filme que não alcançasse muitas pessoas e não desse retorno, assim

elas já são pensadas para terem públicos na casa dos milhares, como exemplo, as cinco maiores bilheterias de todos os tempos são de filmes americanos, sendo que a maior bilheteria é do filme “Avatar” (2009), que arrecadou 2.788 bilhões de dólares e que 72,7% desse valor foi arrecadado fora do território norte americano, de acordo com o site *Box Office Mojo*, site que reúne semanalmente informações sobre bilheterias da indústria cinematográfica. No Brasil, o relatório do Observatório Brasileiro do Cinema Audiovisual de 2017 indica que aproximadamente 181 milhões de pessoas foram ao cinema em 2016, sendo que o filme com maior bilheteria foi “Minha mãe é uma peça 2” com renda bruta de R\$73.713.230,92 e público de 5 milhões de espectadores. Já o filme com maior espectadores do cinema brasileiro foi o filme “Os dez mandamentos”, lançado no mesmo ano, com público de 11.305.279 pessoas com renda de R\$116.833.026,88.

Figura 1 - 10 maiores bilheterias mundiais.

Rank	Title	Studio	Worldwide	Domestic / %		Overseas / %		Year^
1	<b>Avatar</b>	Fox	<b>\$2,788.0</b>	\$760.5	27.3%	\$2,027.5	72.7%	2009^
2	<b>Avengers: Endgame</b>	BV	<b>\$2,716.2</b>	\$817.8	30.1%	\$1,898.4	69.9%	2019
3	<b>Titanic</b>	Par.	<b>\$2,187.5</b>	\$659.4	30.1%	\$1,528.1	69.9%	1997^
4	<b>Star Wars: The Force Awakens</b>	BV	<b>\$2,068.2</b>	\$936.7	45.3%	\$1,131.6	54.7%	2015
5	<b>Avengers: Infinity War</b>	BV	<b>\$2,048.4</b>	\$678.8	33.1%	\$1,369.5	66.9%	2018
6	<b>Jurassic World</b>	Uni.	<b>\$1,671.7</b>	\$652.3	39.0%	\$1,019.4	61.0%	2015
7	<b>Marvel's The Avengers</b>	BV	<b>\$1,518.8</b>	\$623.4	41.0%	\$895.5	59.0%	2012
8	<b>Furious 7</b>	Uni.	<b>\$1,516.0</b>	\$353.0	23.3%	\$1,163.0	76.7%	2015
9	<b>Avengers: Age of Ultron</b>	BV	<b>\$1,405.4</b>	\$459.0	32.7%	\$946.4	67.3%	2015
10	<b>Black Panther</b>	BV	<b>\$1,346.9</b>	\$700.1	52.0%	\$646.9	48.0%	2018

Fonte: Box Office Mojo

Figura 2 - 10 maiores bilheterias de produção brasileira no país.

Nº	Título	Distribuidora	Ano de Lançamento	Salas no lançamento	Público	Renda (R\$)
1	Os Dez Mandamentos - O Filme	Downtown/Paris	2016	1127	11.305.479	116.833.026,88
2	Tropa de elite 2	Zazen	2010	733	11.146.723	103.461.153,74
3	Minha mãe é uma peça 2	Downtown/Paris	2016	1055	9.234.363	124.681.177,82
4	Se Eu Fosse Você 2 *	Fox	2009	315	6.112.851	50.543.885,00
5	De pernas pro ar 2	Downtown/Paris/RioFilme	2012	718	4.846.273	50.312.134,36
6	Minha mãe é uma peça	Downtown/Paris	2013	407	4.600.145	49.533.218,31
7	Nosso lar	Fox	2010	444	4.060.304	36.126.083,00
8	Até que a Sorte nos Separe 2	Downtown/Paris	2013	778	3.978.191	45.274.441,66
9	Loucas pra Casar	Downtown/Paris	2015	604	3.726.547	45.688.069,53
10	De pernas pro ar	Downtown/Paris	2010	346	3.506.552	31.033.778,76

Fonte: Observatório Brasileiro do Cinema Audiovisual (2017)

A transmissão da mensagem no cinema é valorizada pelo “ritual”, segundo Michelle S. Izawa (2006) a sala é escura; o espectador fica sentado, de forma receptiva, exigindo concentração e passividade, para o sociólogo Andrew Tudor (apud. Michelle S. Izawa, 2006) esse “ritual” torna o espectador mais suscetível ao poder da mensagem, além disso segundo Marshall McLuhan (1979, apud. Michelle S Izawa, 2006), o cinema é um meio quente por fornecer uma saturação de informação, prolongando os sentidos, sem deixar muitas dúvidas e pouco a ser contemplado pela audiência. Ao contrário de um meio frio como o telefone que fornece poucos dados e exige que o receptor forneça o restante das informações.

Entretanto é importante notar que o fato da mensagem transmitida sofrer pouca influência do espectador, não significa que ele seja passivo e que receba todas as informações como uma “lavagem cerebral”, o receptor segundo Gomes (1996, apud. Michelle S Izawa, 2006, p. 37) “recebe e processa as informações do ponto de vista do tesouro cultural que dispõe, acionando o conjunto de práticas, hábitos e saberes ao qual tem acesso, para avaliar, julgar e processar e interpretar os dados”.

Sob a ótica dos estudos culturais, mais especificamente a da cultura de mídia, onde segundo Douglas Kellner (1998) é possível ver como as produções culturais da mídia reproduzem as lutas sociais existentes em suas imagens, seus espetáculos e sua narrativa, podemos analisar que a produção cinematográfica Hollywoodiana na época de Ronald Reagan estava em conformidade com sua política liberal ao que diz respeito à limitação da ação do Estado, eliminação da burocracia, incentivo à iniciativa privada mas também estabeleceu uma década de hegemonia conservadora que foi continuada por George H. W. Bush.

Essa conformidade fica mais evidente com a sequência de filmes “Rambo”, mais especificamente a partir da segunda sequência, e o filme “Top Gun” (1986). O primeiro filme de “Rambo” (1982) conta a história de um ex-soldado que batalhou na Guerra do Vietnã e que se encontra em uma situação desajustada, a trama revela o constante abandono das instituições e por sua própria nação para com o personagem. Ele então revolta-se contra todas as entidades policiais e legais e no fim se entrega ao seu ex-comandante das Forças Especiais em uma cena de total abalo. Já no segundo filme, Rambo é transformado num super soldado que retorna ao Vietnã para libertar soldados de guerra norte americanos que ainda se encontravam presos. Essa trama de retorno ao Vietnã com um supersoldado que derrota todas as forças inimigas não é de exclusividade da franquia “Rambo”, mas vem com uma série de produções, entre eles 3 filmes com Chuck Norris, o que reforça uma tentativa de superação do trauma do fracasso que foi a Guerra do Vietnã, como descreve Kellner (1998):

“[...] os filmes de retorno ao Vietnã exibem uma reação defensiva e compensatória à derrota militar no Vietnã e, diríamos, uma incapacidade de aprender as lições das limitações do poderio americano e da complexa mistura de “bem” e “mal” presente em quase todos os cometimentos históricos.”  
(KELLNER, 1998)

Segundo Marc Ferro (2010, apud Marillia Schramm, 2017) o filme pode ser elemento de análise da sociedade, ou seja, as questões levantadas dizem respeito a sociedade que produziu a obra cinematográfica. Ainda segundo a autora “vale lembrar, que Ferro aborda o filme como um agente da história, ressaltando o modo como o filme,

através de sua representação, pode servir para reforço de uma ideia, como de glorificação ou de doutrinação.”.

A história de Rambo gira em torno de um indivíduo que carrega consigo todos os estigmas mas também ideais de um homem “americano” branco, entre os quais o abandono de um cidadão pelas instituições que deveriam cuidar e educar e ao mesmo tempo que identifica toda uma geração de jovens a buscarem uma saída menos intelectual para suas vidas, no exército por exemplo. Também se destaca a masculinização exacerbada e o reforço do papel ideário conservador da mulher, que não tem nenhuma relevância na trama e são retratadas como prostitutas ou, no caso de uma aliada anti vietnamita de rambo, uma “mulher subserviente às façanhas de Rambo que funciona sobretudo como força sedutora e destrutiva” (KELLNER, 1989), além das questões de raça, que contribuí para o tema militarista, em que o “outro”, inimigo, é o Vietnamita, os Russos e os comunistas em geral, enquanto “nós”, os americanos, são os bonzinhos. Podemos retomar as tradições maniqueístas de Hollywood na Segunda Guerra Mundial em que vilões eram os terríveis japoneses e alemães, e assim, toda ofensiva militar para derrotar o inimigo é legítima e aceitável.

A derrota no Vietnã feriu tanto o orgulho norte americano conservador que Rambo é apenas uma sequência de filmes que Hollywood produziu para tentar reerguer a moral dos cidadãos ao mesmo tempo que buscava recrutar apoiadores para a contínua empreitada imperialista americana que estava por vir. No livro *The Remasculinization of America*, Susan Jeffords (1989, apud Kellner, 1989, pg. 88) afirma que o Vietnã foi um golpe terrível no orgulho masculino, pelo qual os homens americanos sentiram grande culpa e vergonha. Uma enorme quantidade de filmes e livros sobre o Vietnã trata desse problema, segundo ela, tentando curar as feridas e reconstruir a psique masculina ofendida. Assim, ainda que os Estados Unidos tivessem fracassado na guerra do Vietnã, segundo (Kellner, 1989) os filmes buscaram reerguer e até compensar a história no imaginário de seu povo, tentando obtê-la pela cultura de mídia, o que revela a função política da cultura veiculada pela mídia.

É interessante notar que ao mesmo tempo que Rambo representa o ideário conservador norte americano, ele adota para si referências da contracultura de 1960, como o cabelo comprido, faixa na cabeça, a alimentação estritamente natural, o contato

com a natureza, e é hostil a burocracia, Estado e à tecnologia. Segundo Douglas Kellner (1989) “Rambo se apropria de motivos contraculturais em favor da direita” e assim reforça a “valorização do inconformismo e do heroísmo individualista na era Reagan da glória empreendedora”.

Outro reforço que Reagan teve no cinema foi com o filmes “Top Gun”, que “celebra o heroísmo individualista, o denodo militar e os valores americanos conservadores” (KELLNER, 1998). Sob a grande nuvem maniqueísta, desta vez o inimigo não é claramente identificado, apesar de algumas referências aos comunistas soviéticos, “Top Gun” é um filme que estetiza a glória da guerra, trazendo os valores como a competição e vitória a qualquer custo como grande chave para o sucesso. Esse tipo de narrativa é um projeto ideológico que busca atrair jovens a se espelharem no personagem Maverick e exaltar a glória que um militar de elite pode alcançar com mulheres e reconhecimento. Segundo a Time (apud. Kellner, 1989) “A glorificação da Marinha por ele pintada incitou os donos de cinema de cidades como Los Angeles e Detroit a pedir à Marinha que montassem um estande de recrutamento do lado de fora das casas de espetáculos onde estivesse sendo exibido o filme “Top Gun”, para alistamento dos jovens inebriados pela fantasia hollywoodiana.” (24 de novembro de 1986).

Assim enquanto “Rambo” e outras produções midiáticas reforçaram o caráter conservador da época ao mesmo tempo que renovaram a autoestima americana em torno do belicismo, dominação e o lugar do homem branco americano frente ao mundo, “Top Gun” trazia a energia da visão militarista e elitista para resolver conflitos e atender interesses tanto individuais, quanto de uma nação. Esse alinhamento que o cinema ofereceu para seus espectadores, com a política dos Estados Unidos, foi certamente um prelúdio para o apoio acalorado das políticas de invasão nos territórios árabes. Como veremos a seguir, a narrativa que a mídia ajudou a criar, foi um fator importante que marcou a cultura norte americana até os dias de hoje.

### 2.3. “O inimigo agora é outro”

A célebre frase que o filme “Tropa de Elite 2” usa para promover uma nova narrativa em torno do grande vilão de Capitão Nascimento, parece se encaixar na mudança de direção que os filmes americanos buscaram apresentar para seus espectadores. Onde antes o inimigo era guiado pela ideologia comunista agora, num contexto pós guerra-fria, cai sob a máscara do archi-inimigo árabe.

Como visto anteriormente a política norte americana de Reagan se apoiou fortemente na construção de narrativas dentro do cinema que exaltavam o conservadorismo e militarismo. Dentro desse contexto os dois filmes da sequência “Águias de Aço” se encontram como a produções que trouxeram um novo inimigo para os Estados Unidos. Segundo Douglas Kellner (1989):

“ Juntos, os dois filmes representam o início da distensão nas relações com a União Soviética e a produção de um novo superinimigo, que acabou por ser encarnado por Saddam Hussein e o Iraque e foi misteriosamente profetizado em Águia de aço I e II.” (KELLNER, 1989, pg 115)

A mudança atende aos desejos da política externa norte americana, mas também é entendida pela indústria cinematográfica. Segundo Kellner (1989) no momento que as distensões com a União Soviética, que “começava a interessar-se por Big Macs, pornografia, crime e capitalismo”, começaram a se apartar os grande produtores de Hollywood percebem e mudam o foco das suas narrativas maniqueístas. Isso fica evidente com a quantidade de produções que apresentavam o árabe sem sentimentos, fanáticos e gananciosos: “Comando Delta” (*The Delta Force*, 1986), “Retalitor – Programada para Matar” (*Programmed to Kill*, 1987), “Pelotão da Vingança” (*Death Before Dishonor*, 1987), “Steal the Sky” (1988), “Comando Imbatível” (*Navy Seals*, 1990), além dos “Águias de Aço” I e II (1986, 1988).

Quando refletimos sobre políticas externas, é importante reconhecer os agentes que influenciam as decisões, e nesse reconhecimento, deve-se ter em mente que o primeiro filme de “Águias de Aço” teve uma estrutura de produção cedida por Israel como alguns aviões caça utilizados, pilotos e consultores militares. Já o “Águas de Aço

II”, teve uma co-produção Israel-Canadá e pode ser considerado propaganda israelense. Como cita Kellner:

“De fato, nos créditos finais, leem-se “agradecimentos especiais” ao “Ministério de Defesa do Estado de Israel”, às forças de defesa Israelenses e à Força Aérea Israelense,” (KELLNER, 1989 p. 117)

É interessante notar que a generalização do inimigo é mais uma vez utilizada para reforçar o maniqueísmo, dessa vez na disputa Árabes *versus* Ocidente. Os filmes antiárabes segundo Prince (1993, apud Kellner, 1989) “evitam situar o enredo em termos geográficos claros” (ibid. 245). Isso corrobora para estigmatizar um inimigo árabe em geral, colocando-o numa área pouco determinada geograficamente no inconsciente coletivo e que podem, segundo Kellner (1989), “criar episódio de infâmia que possam ser mobilizadas em algumas intervenções políticas contra, digamos, o Iraque, o Irã, a Síria, a Líbia ou seja lá o que for.”

Esse novo inimigo apresentado nos filmes parece corroborar com as fantasias dos governos republicanos para a execução do bombardeio da Líbia em 1986 sob a gestão de Ronald Reagan, mesmo ano de lançamento de “Águias de aço I”. Como curiosidade, dentro da narrativa do filme havia um novo presidente, mais obstinado, chamado Ronald Raygun (ray = raio, gun = arma).

A demonização do povo Árabe, centrado no inimigo Saddam Hussein, apoiado pelas produções cinematográficas, mas também pelos maiores canais de comunicação dos Estados Unidos, além da excitação militarista na população estadunidense, acabou por desembocar na guerra do Golfo na gestão de George H. W. Bush, conflito que ficou conhecido pela grande mobilização humana e tecnológica, adicionando inclusive novas palavras ao léxico mundial como “bombas inteligentes”. Futuramente, num contexto histórico de conflitos, a ligação apresentada acima irá desencadear nos atuais conflitos do Oriente Médio, além do próprio 11 de setembro e a “Guerra contra o terrorismo”.

Nesse contexto é importante notar que as relações exteriores são movimentos políticos complexos e não seguem uma linha reta de ações e reações, os conflitos e invasões norte americanas estavam resguardadas de motivações como “intervenção democrática” ou mesmo como reação a outro suposto ataque a nação. Nem mesmo as

produções culturais da mídia são apenas forças manipuladoras em que o público é levado a agir como bonecos, segundo Kellner (1989, p. 122) “muitos filmes de Hollywood não são “conservadores” nem “liberais” porque querem enveredar pelos dois caminhos, obter o público maior possível não ofendendo ninguém”, além disso no outro lado da cadeia, o receptor também nunca é passivo e a interpretação é influenciada pela bagagem cultural que possui, criando ligações para entender as questões que cercam. Entretanto se faz necessário estar atento a leituras culturais da mídia em contextos sociais específicos uma vez que filmes como “Rambo”, “Top Gun” e “Águias de Aço” carregam consigo significados e mensagens que trouxeram seus efeitos para o fim do século XX e início do XXI, conforme pretende-se fazer com os filmes, que retratam o 11 de Setembro e a “Guerra ao terrorismo”, nas administrações de George W. Bush e Barack Obama.

### 3. O legado do 11 de setembro no cinema

Como abordamos acima, a produção de filmes com a temática do atentado não foi a escolha que os produtores de Hollywood quiseram tomar. Pelo impacto que esse dia trouxe na vida dos americanos e pela sensibilidade que o tema causaria ao público, o primeiro filme, que seria lançado com a narrativa de quem vivenciou a tragédia, só veio a ser lançado em 2006, cinco anos depois do atentado, com o filme “As Torres Gêmeas”.

Entretanto, se as cenas das torres desabando ou dos aviões se chocando contra os prédios era a última coisa a se pensar ao desenvolver um filme, outro assunto impactou e interessou as produções tanto nos filmes como nas séries de TV: o terrorismo. Tramas de grandes planos maléficos envolvendo armas nucleares com potencial para destruir cidades inteiras, bombas químicas que devastariam uma nação, uma nova ameaça iminente à população norte americana e mundial, surgiram e fizeram sucesso. Produções alegóricas como “Missão impossível 3” (2006) e a série “24 horas” (2001) deslançaram nesse que seria o grande tema do começo do século XXI. Douglas Kellner (2009) aprofunda ainda mais a análise de produções culturais sobre a temática do terrorismo:

“Outras alegorias que ajudaram a gerar medo do terrorismo podem ser encontrados nos filmes hollywoodianos da época. O filme “Guerra dos Mundos” (2005) de Steven Spielberg usa a obra de ficção científica de H. G. Wells, lançada em 1898, que conta a história de uma invasão alienígena, mas com imagens profundamente remanescentes do 11 de setembro.” (KELLNER, 2006, p.120, em tradução livre)

Apesar da produção de filmes alegóricos, buscaremos analisar as obras que abordam o 11 de setembro diretamente e suas consequências, de tal maneira que seja possível relacioná-las aos dois governos que lidaram com o pós ataque terrorista, a de George. W. Bush e Barack Obama.

Assim, o filme “As Torres Gêmeas” (2006) e “O Relutante Fundamentalista” (2012) contam duas histórias de personagens que foram afetados diretamente pelo atentado, seja física, psicológica ou socialmente. Abordaremos também dois filmes de guerra, “Guerra ao Terror” (2008) e “Sniper Americano” (2015), uma vez que a guerra

foi a resposta imediata da gestão Bush-Cheney ao ataque e que contam a história de dois soldados que tiveram suas vidas transformadas por conta da “guerra contra o terrorismo”.

### **3.1. Os filmes da era Bush**

O 11 de setembro parece ter sido conveniente às pretensões políticas ultra conservadoras de George W. Bush e seu vice Dick Cheney. Os noticiários de todo o mundo repetiam as imagens dos atentados inúmeras vezes sem parar num tom quase obsessivo de levar o espetáculo do terror à casa de cada pessoa do mundo, não à toa, temos a impressão de ter vivenciado o atentado de perto. O documentário “In Memoriam”, lançado em 2002 pela HBO, juntou cenas feitas pelos canais de notícias e de documentaristas profissionais e amadores, clamando que este foi “o evento mais documentado da história”. Tal agenda trouxe um resultado: o medo.

A resposta imediata da gestão Bush-Cheney foi lançar o projeto de “guerra contra o terrorismo” e em 7 de outubro de 2001 invadiram o Afeganistão alegando estarem atrás de Osama bin Laden e líderes da Al-Qaeda, além de pretenderem tirar do poder o regime Talibã que havia declarado apoio a bin Laden, o que culminou numa guerra que acontece até os dias de hoje. Sob a perspectiva da “Doutrina Bush” e o “Ato Patriota” que tratava como terroristas os países que abrigam ou apoiam grupos terroristas, Bush não só invadiu o Afeganistão, mas também invadiu o Iraque em março de 2003, sob a premissa de guerra preventiva, contra uma suposta pesquisa e desenvolvimento de armas químicas dentro do território iraquiano.

Cercada por acusações de entidades de direitos humanos como a Anistia Internacional e o aparecimento de vídeos de tortura em mídias digitais e sites de notícias alternativas, a empreitada pelo suposto “combate ao terrorismo” que a gestão Bush-Cheney iniciou, com guerras declaradas em território Árabe, acabou por ser considerada um verdadeiro fiasco. Os gastos de recursos tanto humanos quanto financeiros demonstram números exorbitantes: Na guerra do Afeganistão, até 2011 estima-se que foram gastos 444 bilhões de dólares e que 149 mil pessoas morreram. Já

no Iraque os números indicam um gasto de 806 bilhões de dólares, quanto as mortes os números variam conforme as fontes, estima-se entre 150 mil a 600 mil pessoas mortas por violência, ou seja, por conta da guerra, números que para qualquer pessoa minimamente são, não são justificáveis.

O custo das incursões planejadas por Bush tem repercussão até os dias de hoje, como a Guerra do Afeganistão que teve flertes com seu encerramento em uma onda de retiradas de tropas do território Árabe, mas o crescimento das insurgências talibãs e a contínua movimentação da Al-Qaeda, fazem com que esta guerra esteja acontecendo neste presente momento. O fracasso da “Guerra ao Terror” fica mais evidente quando observamos a taxa de aprovação do governo de George W. Bush, que caiu significativamente desde que assumiu seu primeiro mandato, tendo encerrado sua gestão em 2009 com aproximadamente 34% de aprovação.

### **3.1.1. As Torres Gêmeas (2006)**

O filme “As Torres Gêmeas” (*World Trade Center*) foi lançado em 2006 e tem sua narrativa baseada na história de dois oficiais da polícia de Nova Iorque, John McLoughlin e Will Jimeno, que ficaram presos no desabamento das duas torres numa operação para evacuar civis que estavam dentro dos prédios, e que após muito tempo foram resgatados com vida.

A história começa com cenas do início do dia a dia da rotina de alguns policiais de Nova Iorque, nestes os dois personagens principais saindo de casa para mais um dia de trabalho. A narrativa demonstra o cotidiano rotineiro de Nova Iorque, com pessoas indo trabalhar em mais um dia comum, e só depois de um longo período com cenas de diferentes locações é apresentado que estamos assistindo o amanhecer do dia 11 de setembro, convocando o sentimento de premonição do espectador.

Os policiais se reúnem no departamento, apresentando que Will Jimeno é um “novato”, e então o sargento John McLoughlin repassa a ordem do dia de atuação dos oficiais na cidade. Já na rua, uma sombra de um avião passa por Jimeno e nos primeiros trinta minutos do filme o atentado acontece e a narrativa se esforça em

mostrar que ninguém, nem mesmo as autoridades estavam preparadas para o que viria a acontecer.

O diretor, Oliver Stone, parece ter desafiado o tabu hollywoodiano de não reproduzir cenas das torres atingidas e vai além, mostra ao espectador pessoas pulando das torres para não morrerem queimadas e pessoas comuns cobertas de sangue e poeira, desorientadas em meio ao caos. Curiosamente não há nenhuma menção durante o filme sobre a Al-Qaeda ou terrorismo (KELLNER, 2006) e isso, segundo o mesmo autor, teria uma implicação direta com o final do filme:

“Tal omissão, terá uma sinistra conotação próximo ao fim do filme quando um dos personagens é citado se juntando ao exército e indo para o Iraque, como se o Iraque estivesse envolvido no ataque.” (KELLNER, 2006, p.105 em tradução livre)

Entre os diálogos de McLoughlin e Jimeno no meio dos escombros e o drama das respectivas famílias, que não tinham informações concretas sobre o status dos dois personagens, a trama vai se desenvolvendo com uma “subjacente temática fundamentalista cristã” (KELLNER, 2006), com cenas dentro de igrejas, a luz presente no alto dos escombros trazendo esperança às duas vítimas e até um esquisito devaneio de Jimeno, que vê a imagem de Jesus Cristo. A temática cristã pode ser interpretada como um reforço dos ideários conservadores norte americanos ante a religião muçulmana, religião dos “inimigos”, apresentando a narrativa maniqueísta para justificar a guerra contra o terrorismo. De fato, um dos principais colunistas da direita, Cal Thomas, declarou que o filme é “um dos grandes filmes pró-norte americano, pró-família, pró-fé, pró-homem e um dos grandes defensores da bandeira do ‘Deus abençoe a América’ que você vai ter a oportunidade de ver.” (apud. Douglas Kellner, 2006, p.105, em tradução livre).

É interessante notar que o pré-clímax se inicia com o coadjuvante Dave Karnes, ex-fuzileiro naval interpretado por Michael Shannon, tendo um auto chamado para um dever com a nação e indo contra a indicação das autoridades para reiniciar as atividades de busca no dia seguinte, entrando no meio dos escombros a noite atrás de sobreviventes. Apesar do fato de Dave Karnes, na vida real, ter encontrado os dois policiais soterrados, seu personagem no filme parece encarnar como um chamado ao

militarismo de Reagan, o personagem que já tinha cumprido seu trabalho no exército dos Estados Unidos, põe novamente seu uniforme para ajudar na busca por vítimas e acompanhado por um outro soldado, encontra os oficiais com vida e diz a seguinte frase: “Nós não vamos te abandonar, nós somos fuzileiros navais, você é nossa missão”.

A exaltação ao militarismo se conclui com a expressão de Karnes querer vingar as vítimas e ao encerramento do filme, os letreiros indicam ao espectador que ele se alistou no exército para servir em dois mandatos no Iraque. Como já foi abordado, o Iraque nada teve a ver com o atentado, mas a gestão Bush-Cheney procurou propagar pela mídia a mentira de que o Iraque teve envolvimento direto com o atentado e que a guerra era justificável para o combate ao terrorismo, o filme, parece apresentar um chamado aos espectadores de que o exemplo de Dave Karnes deveria ser seguido.

Assim “As Torres Gêmeas” pode ser interpretada como uma transcodificação de um discurso conservador que foi continuada com a reeleição de George W. Bush, trazendo um reforço do cristianismo como valor religioso diferencial aos norte americanos e exaltação às glórias do militarismo. Nesse contexto a guerra do Afeganistão estava chegando ao seu quinto ano e a do Iraque no terceiro.

Apesar do reforço no discurso conservador cristão, militarista e a favor das guerras no oriente médio, em 2006 já circulavam notícias e informações sobre violação dos direitos humanos, como as reportagens do Washington Post sobre o estupro e assassinato de uma menina iraquiana de 14 anos por 5 soldados americanos.

### **3.1.2. Guerra ao Terror (2008)**

“Guerra ao Terror” (*The Hurt Locker*) foi um filme de guerra produzido em 2008, último ano da segunda gestão de Bush no governo dos Estados Unidos, e lançado em 2009, foi vencedor de seis Oscars, incluindo melhor filme, direção e roteiro original, teve custo de 15 milhões de dólares e receita de quase 50 milhões de dólares.

O filme se inicia com a apresentação de 3 soldados norte americanos em meio a uma grande movimentação de iraquianos correndo sobre ordens de outros soldados, tanto americanos quanto iraquianos. Percebemos então que a movimentação se dá ao

fato de uma possível bomba implantada no meio da rua e que essa equipe de 3 soldados é uma unidade de desarme de bombas. Em meio a tensão apresentada pela edição de som e cenas com muito movimento de câmera, mergulhamos nesse ambiente junto com o sargento Matt Thompson, responsável pelo desarme da bomba em si e toda a tensão que envolve desativar uma bomba que pode explodir a qualquer momento.

Já na cena de abertura é possível perceber o papel que os iraquianos teriam nesse filme, o de suspeitas. Aparecem pessoas nos altos dos prédios observando de cima a operação dando a impressão de que poderiam ser cúmplices ou potenciais terroristas e um civil iraquiano que aborda o sargento JT Sanborn tentando desviar a atenção da cobertura feita a Thompson, o ambiente construído é de que qualquer pessoa que não estivesse uniformizada aguçava a suspeita dos soldados e conseqüentemente a do espectador. Ao final, quando o sargento Thompson colocou o que parece ser uma bomba controlada que detonaria a bomba remota implantada, um açougueiro aparece com um celular e ativa a bomba, que explode em diversos ângulos, espetacularizando o terror e encerrando com Thompson não conseguindo sair da “zona de morte”, sendo morto pela pressão da explosão.

Thompson então é substituído pelo sargento William James (Jeremy Renner) que é o grande protagonista do filme e é apresentado ao espectador como alguém que burla as regras e age como um rebelde dentro do exército, quase um *bad boy*, por mais que tal atitude seja incongruente com a disciplina de um militar.

A narrativa se constrói com William James se mostrando um soldado irresponsável, chegando a colocar a vida de seus companheiros e a própria em risco, entretanto um habilidoso desarmador de bombas. Ao longo do filme percebemos que James tem uma relação arriscada com seu trabalho pois busca uma adrenalina intensa, como na cena em que tira o uniforme para desarmar um carro bomba implantado na frente de uma embaixada. Ao mesmo tempo, o filme valoriza o comportamento do sargento uma vez que ele se demonstra extremamente eficiente no que faz, salvar vidas, o que fica evidente na cena em que se apresenta a coleção de detonadores das bombas desarmadas que James guardava como testemunhos do seu trabalho. Como Roberto Ribeiro de Souza diz:

“Seu comportamento desatinado na busca de emoção vira grande virtude, pois suas ações atingem a finalidade nobre de salvar as vidas dos civis. Salvar as vidas dos civis iraquianos.” (SOUZA, 2013, p. 61)

A equipe que desarma bombas dentro do território iraquiano, salvando a vida de soldados e civis, funciona como uma justificativa a ação militar dentro do Iraque, segundo Roberto Ribeiro de Souza (2013) na ausência de armas de destruição de massa alegadas pelo presidente George W. Bush a ação de salvar vidas no Iraque em consequência das ações terroristas trazem uma justificativa fílmica a presença norte americana no território.

Roberto Ribeiro de Souza (2013) ainda traz dois destaques geográficos dentro do filme que corroboram para a perspectiva do maniqueísmo, em que “nós” os americanos somos o bem e os “outros” muçulmanos são a representação do mal diabólico. A primeira se dá entre o contraponto das terras hostis iraquianas apresentadas no filme, num deserto calorento e bege, com o aconchego da base militar americana, o “Camp Victory”, de quartos decorados e banheiros limpos e brancos, evidenciado na frase de James, ainda no início do filme, chamando a base de “lar doce lar”. O segundo destaque, mais específico se dá ao clima do Iraque:

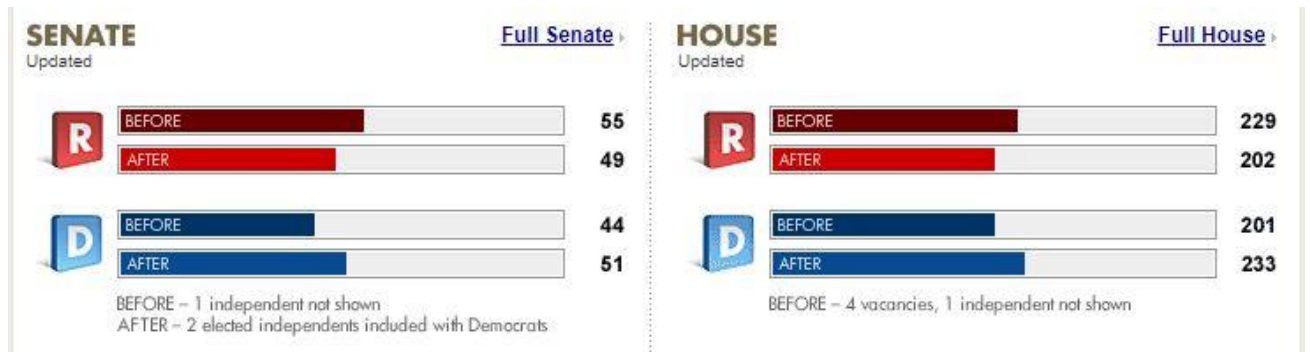
“Destacamos que o tipo climático árido atuante no Iraque é caracterizado pela alta amplitude térmica diária e anual, fato climático que não impede que as chuvas aconteçam durante o inverno e que as temperaturas caiam próximas ao 0°C. No entanto, no filme, nenhum relato ou imagem de chuva ou nem sequer à queda da temperatura no período noturno.” (Roberto Ribeiro de Souza, 2013, p. 59)

Em entrevistas a diretora Kathryn Brigelow destaca ser uma pessoa antiguerra, mas que compactua com aqueles que “são forçados a se envolver nela” (TIME, 2013). Para a revista “*Time Out*” (2013) a diretora afirma que o filme é uma tentativa de “oferecer um filme de guerra realista e precisa com base em uma fonte jornalística ao invés de usar material militar confidencial” e que “é contado do ponto de vista específico dos soldados norte-americanos.”. Entretanto há uma contradição entre uma declaração antiguerra com uma direção que em nenhum momento aborda o caráter prejudicial da guerra e que negligencia as causas do conflito e traumas gerados à civis, ao contrário,

o sargento William James após retornar a sua casa, já nas cenas finais, tem um monólogo com seu filho pequeno, em que revela amar uma única coisa e em seguida o filme encerra com James retornando ao Iraque para mais uma incursão, funcionando como uma exaltação ao soldado que ama estar e viver a guerra, e como um chamado ao espectador a se inspirar no herói desajustado que encontra seu propósito ao servir o país.

Tal contradição pode ser analisada com as contradições que a segunda gestão do governo Bush teve, tanto na questão política com a perda de poderes do partido republicano dentro do congresso para os democratas, algo que não ocorria desde 1994, e também no Senado, incluindo a eleição do primeiro cidadão muçulmano para o congresso, como também no final de sua gestão, já marcada por relatos, denúncias e declarações de ex-funcionários sobre a legitimidade da guerra e as ações tomadas pelo governo para o combate ao terrorismo. O que, antes movido a um sentimento de medo e patriotismo, levou a aprovação do “Ato Patriota” ainda em 2001, que permitia a prisão de suspeitos de ataques terroristas, espionagem de cidadãos, encarceramento sem advogado (PECEQUILO, 2013, p. 21, apud. Jaíne Luiza Soares, 2018, p. 8), depois começou a ser questionado por entidades de direitos humanos e pela própria população norte americana. Em seu livro, Richard A. Clarke, ex-chefe de segurança antiterrorista dos EUA, escreveu em seu livro *Contra todos os inimigos (Against All Enemies, 2004)*, que o governo “[...] utilizou os ataques (do atentado de 11 de setembro) para travar uma guerra totalmente independente no Iraque, levando o povo americano a acreditar que o regime iraquiano de Saddam Hussein estava envolvido no 11/09” (HOLLOWAY, 2008, p. 31, apud. Daniel Ivori, p.4).

Figura 3 - A guinada democrata nas eleições de 2006.



Fonte: CNN (2006)

O ressentimento americano fica ainda mais evidenciado com a intensa produção de filmes com diversas críticas às ações políticas dos EUA, não somente quanto a guerra ao terror mas também o posicionamento sobre questões de clima e ambientais e o favorecimento do corporativismo a qualquer custo, as produções se tornam mais intensas a partir da segunda gestão de Bush. Filmes como “Syriana: a indústria do petróleo” (*Syriana*, 2005); “Leões e Cordeiros” (*Lions for Lambs*, 2007); “Sem Fim À Vista” (*No End in Sight*, 2007); “Rede de Mentiras” (*Body of Lies*, 2008) (Daniel Ivori de Matos, 2013). Além da grande produção de documentários como “Fahrenheit 9/11” (2004), “Unconstitutional: The War on Civil Liberties” (2004), “Iraq for Sale: The War Profiteers” (2006) e “Uma Verdade Inconveniente” (*An Inconvenient Truth*, 2006). Como comentado, a gestão de Bush teve um caimento na sua aprovação e com o desgaste e insatisfação da população norte americana, os anseios por novos tempos insurgiu e nas eleições de 2008 um discurso progressista marcou a consagração do então senador de Illinois, Barack Obama, que se tornou o primeiro afro americano a ser eleito como presidente dos Estados Unidos.

### 3.2. Os filmes da era Obama

Barack Obama foi eleito em 2008 com 69,4 milhões de votos e assumiu o cargo em 2009. Já em sua campanha presidencial Obama se mostrou um candidato disposto a mudança, além de ser um candidato afro americano na corrida presidencial e sob o

mote da “esperança” e “mudança”, falava em acabar com a guerra no Iraque, implementar um sistema de saúde que atendesse a todos.

Obama herdou a crise financeira de 2008, conseguindo contornar os efeitos devastadores na economia, além disso o ex-presidente buscou implementar um controle de armas mais duro, ainda que sem muito sucesso e apoiou a causa LGBT durante toda sua gestão, o que acabou por ter em 2015 a decisão histórica da Suprema Corte sobre o direito fundamental do casamento LGBT nos Estados Unidos. Para essa mesma Suprema Corte, Barack Obama indicou duas mulheres, uma em 2009, na sua primeira gestão e outra em 2015. Também lançou o Obama Care, que proibiu as seguradoras de variarem os preços dos seguros de acordo com o histórico clínico e sexo das pessoas, de recusarem atender clientes muito caros e exigia que todos deveriam aderir a um plano de saúde, essa iniciativa reduziu a taxa de pessoas sem seguro de saúde de 16% em 2010 para 9% em 2015. Além disso assinou a adesão dos Estados Unidos no acordo de Paris em 2016, que rege medidas para a contenção do aquecimento global. Barack Obama terminou seu segundo mandato com quase 60% de aprovação da população.

O ex-presidente soube levantar e trabalhar com as principais pautas progressistas mundiais deixando um legado cultural, que pode sofrer repressões conservadoras mas continua influenciando movimentos até os dias de hoje, entre eles o combate ao machismo e representatividade feminina, questões de gênero, além da representatividade negra, exercida por ele próprio, e que trouxe o levantamento da discussão sobre racismo nas instituições mundiais, inclusive no cinema de Hollywood e levou a movimentação da indústria para buscar maior representatividade nos últimos anos, tanto negra quanto feminina.

Apesar disso nem tudo foram flores na gestão de Obama, que carrega consigo uma forte crítica a continuação da atuação militar dos Estados Unidos dentro do Oriente Médio, com a manutenção da guerra do Afeganistão e a retomada da atuação militar no Iraque em sua segunda gestão, além do envolvimento nos conflitos da Síria que acarretou numa guerra civil que tem consequências até hoje. Em 2016, segundo a “*Council on Foreign Relations*” foram realizados 26.171 bombardeios em 7 países pela administração de Barack Obama sendo que cada bombardeio pode incluir múltiplos

lançamentos de bombas. Porém é importante lembrar que a exaltação militar Reaganista, que usou os meios culturais para influenciar a população norte americana, começou em 1981 o que implica na complexidade cultural que a mentalidade estadunidense desenvolveu quanto a questões de intervenções e atuações como um país líder frente ao cenário mundial. Além disso o surgimento do ISIS e a manutenção da Al-Qaeda, ainda são fatores de temor mundial e a presença americana frente a questões de decisão global é inegável.

### **3.2.1. O Relutante Fundamentalista (2012)**

“O Relutante Fundamentalista” é um filme lançado em 2012 e foi baseado no best seller de Mohsin Hamid lançado em 2007, o livro conta a história de um paquistanês ambicioso que vai viver nos Estados Unidos e se desencanta com o “*American Life*” após o atentado de 11 de setembro em 2001.

A história do filme se inicia de maneira interessante com uma apresentação aparentemente típica em festas de famílias paquistanesas com um melhor poder aquisitivo, em que toda a abertura tem a trilha cantada em Urdu, língua oficial do país islâmico. Na verdade o uso da trilha sonora é um elemento notável em todo o filme, com músicas em Urdu e estilo tradicional típico do Oriente Médio, podemos aqui já analisar uma transgressão a todo o histórico anti muçulmano da cultura fílmica norte americana, e que pode ser mais aceita na cultura estadunidense em meio a um clamor por mudanças, com a eleição de um presidente negro com um nome que remete a nomes islâmicos (Barack Hussein Obama), afinal, a produção do filme por questões mercadológicas já abordadas, só poderia ser feita num contexto em que pudesse gerar retorno, na era Bush poderia ser improvável, na administração de mudanças que Obama prometeu, poderia ser mais rentável.

Apesar disso a mesma abertura intercala as cenas da apresentação dos músicos com cenas do personagem principal, Changez (Riz Ahmed), usando roupas características muçulmanas, falando ao telefone, enquanto acontece um sequestro de um homem, o professor americano da Universidade de Lahore, Anse Rainier (Gary Richardson). A cena se encerra com o sequestro bem sucedido e Changez agora

sentando com sua família e com seu assunto concluído, levantando suspeitas de um possível envolvimento entre o sequestro e o telefonema.

A narrativa então se constrói a partir de uma entrevista do jornalista Bobby Lincoln (Liev Schreiber) e Changez, que descobrimos ser também um professor da Universidade de Lahore e um suspeito de um possível envolvimento com a Al-Qaeda, para esclarecer do seu possível envolvimento no sequestro. Descobrimos então que Changez estudou em Princeton, trabalhou numa grande multinacional financeira no centro de Wall Street mas agora se encontrava recluso no Paquistão, com todas as suspeitas indicando um possível articulador terrorista. Então o filme passa a dialogar com flashbacks e, no presente, a formação de um protesto onde ocorre a entrevista.

Changez inicia sua entrevista com a frase “As aparências podem enganar, eu sou um amante da América” e então inicia a retrospectiva de sua vida nos Estados Unidos, com uma história de sucesso aos moldes do “*American Way of Life*” em que estuda numa universidade de elite, consegue o emprego na Underwood Samson, uma firma em que só os melhores conseguem trabalhar, se relaciona com uma artista que calha de ser sobrinha do CEO da Underwood Samson, e então, quando está estabelecido no emprego e galgando uma posição de destaque nela o atentado às Torres Gêmeas acontece.

A partir daí o filme passa a mostrar situações de como o “Ato Patriota” afetou a vida dos cidadãos muçulmanos, deixando claro que não era preciso ser suspeito para ser abordado, bastava apenas ter traços físicos de uma pessoa do Oriente Médio. Changez, nos Estados Unidos, é abordado duas vezes por autoridades policiais onde o filme se esforça em demonstrar os abusos físicos e psicológicos que ele passou, e levanta questionamentos sobre que situações uma pessoa menos informada de seus direitos pode ter passado e também sobre a legitimidade da interceptação de suspeitos pelas autoridades norte americanas. Além disso Changez passa a sofrer intimidações, como ter os pneus de seu carro furados e ouvir conversas paralelas preconceituosas dentro do ambiente de trabalho, explicitando que os Estados Unidos se tornou um ambiente hostil apenas pelo seu fenótipo. Como Daniel Ivori de Matos apresenta em seu artigo:

“Várias ações do expresidente Bush, consistiram em tomar moldes de tempos de guerra, tendo autorizado diversos julgamentos militares de cidadãos estrangeiros suspeitos de participarem dos ataques de 11/09. De modo que em todo o território dos EUA, agentes federais investigavam e interrogavam estrangeiros, dando preferência a sujeitos oriundos de países árabes, na busca de conexões com células terroristas.” (RUSHMANN, 2005, p. 16, apud Daniel Ivori de Matos, 2013)

A narrativa do filme transita entre a suspeita do ambiente agitado e aparentemente hostil em que a entrevista está acontecendo, com a suspeita de Changez de fato não ter envolvimento nenhum com o sequestro, através de sua história, que dura todo o filme. O clímax do filme acontece quando descobrimos que Bobby Lincoln na realidade está usando sua condição de jornalista para colaborar com os oficiais norte americanos e descobrir se de fato Changez tem envolvimento com o sequestro até o momento em que, Changez novamente levantando suspeita pelo celular, é abordado por Bobby armado, gerando a morte de um aluno envolvido com a movimentação de protestos do local e Bobby descobrindo que de fato Changez era inocente e toda a sua história era verdadeira.

Apesar do filme ter sido um fiasco de bilheteria, tendo arrecadado pouco menos de 3 milhões de dólares, com custo de 15 milhões, “O Relutante Fundamentalista” representa um marco para a produção de mídia que influencia e é influenciado pela cultura. Ao escalar um elenco de atores secundários de origem muçulmana, com Riz Ahmed no papel principal, utilizando todas as trilhas com músicas em Urdu, além de muitas cenas mostrando lugares e tradições culturais paquistanesas, como a cena em que Changez reflete dentro de uma mesquita, o filme revela que há a possibilidade de diversificar a produção cultural nos Estados Unidos e reforça a política prometida por Obama sobre mudanças e esperanças para todos os cidadãos, inclusive os que sofreram por preconceito e abusos pós 11 de setembro.

### 3.2.2. Sniper Americano (2015)

“Sniper Americano” é um filme dirigido por Clint Eastwood, lançado em 2015, e estrelado por Bradley Cooper, baseado em fatos reais da história de Chris Kyle, o atirador de elite mais letal da história dos Estados Unidos, com 160 mortes confirmadas pelo departamento de defesa norte americanos mas que em contas pessoais chega a 255. O filme atingiu recordes de bilheteria com uma arrecadação de quase 550 milhões de dólares e custo de 58 milhões de dólares, se tornando o filme de guerra com maior bilheteria da história, ultrapassando “O Resgate do Soldado Ryan” (1998).

A cena de abertura já se passa no cenário de guerra em que Chris Kyle (Bradley Cooper) se encontra executando a cobertura de uma ação militar de uma tropa no Iraque, o cenário desértico e com prédios mal cuidados compõe o local de guerra iraquiano que já é de costume nos filmes que tem cenas no Oriente Médio, e assim como “Guerra ao terror” o filme trabalha com os iraquianos sendo personagens que sempre levantam a suspeita de possuírem um botão para explodir uma bomba. Kyle então avista uma mulher e uma criança que se põe de frente a tropa e ele tem de tomar a decisão de julgar se os dois suspeitos de fato representam um perigo para o avanço da missão. A mulher então entrega uma granada para a criança que sai correndo em direção a tropa e então Kyle dá o tiro. Apesar de parecer uma abertura de exaltação da ação militar dos Estados Unidos, mostrando a organização e boa comunicação dos soldados norte americanos, o filme já nos apresenta a pressão psicológica na decisão de abater uma pessoa, além de nos revelar uma situação de confronto extrema, mas pode ter sido muito comum, entre um soldado munido de uma arma de alta precisão e uma criança.

Em boa parte do filme, podemos separar a primeira metade, a narrativa aparenta se construir como qualquer outro filme de guerra, a exaltação militar, os testes do exército para se tornar um soldado de elite, a consagração como um “SEAL” (soldado de elite norte americano), a cena em que conhece e conquista a sua futura esposa, Deby Kyle, o reconhecimento do potencial de Chris para ser um sniper e o chamado para a primeira incursão na guerra do Iraque, quase nos moldes narrativos de Top Gun. De fato o filme parece dialogar com o que é de rotineiro nos filmes de exaltação militar

de Reagan, Chris Kyle em sua infância passa momentos com seu pai, que faz o discurso sobre “Leões, cordeiros e os cães de guardas” e então é motivado a se alistar no exército quando vê na TV a cena do atentado a uma embaixada americana no Oriente Médio dizendo “Olha o que eles fizeram conosco”, trazendo um fator de identificação com muitos cidadãos norte americanos que foram motivados a se alistar no exército pelo chamado da “Guerra contra o terrorismo” da era Bush-Cheney. Chris Kyle também consegue a garota que se interessou no bar assim que se tornou um “SEAL” e casa-se com ela, e já nas primeiras ações militares a atuação de Chris de fato ajuda no sucesso das missões de sua tropa, sendo reconhecido como a “lenda”, que inspirava confiança aos fuzileiros navais quando estavam sob a retaguarda de Kyle. A glória estetizada do militarismo é apresentada neste filme também, mas aos poucos, Eastwood parece, de maneira sutil, transformar a narrativa num filme antiguerra.

De fato, a atuação da administração Obama frente às guerras herdadas da era Bush-Cheney foram, num primeiro momento, em favor dos conflitos, atingido o ápice de tropas americanas no afeganistão em 2010, números que chegam a 100 mil tropas e também a retomada da atuação no Iraque contra o crescimento do Estado Islâmico. Entretanto a segunda parte da narrativa do filme caminha em favor do óbvio, a guerra causa traumas e efeitos que não podem ser mensurados, algo que Obama parece entender e buscar, apesar de todos os embates políticos, transformar dentro de sua gestão, reduzindo o contingente militar dentro do Oriente Médio e consagrando, por exemplo, o acordo de controle nuclear no Irã sem gerar conflitos. A contradição humanista-militarista da gestão Obama se sagra na captura e eliminação de Osama bin Laden, quando Obama recusa o bombardeio da possível localização de Osama bin Laden para a realização de uma operação cirúrgica envolvendo “SEALs” e Marinha, invadindo o território paquistanês mas ao mesmo tempo tendo recepções positivas por todas as linhas partidárias do governo e de vários países ao redor do mundo.

A aparente contradição da era Obama quanto aos conflitos no Oriente Médio então se revela no filme quando Chris Kyle passa a ser intimado por pessoas com traumas de guerra, como por exemplo na cena da oficina em que Kyle é exaltado por um soldado que teve sua vida salva por ele, mas que mostra a prótese de perna que foi perdida na guerra, e que tem o seu ápice quando reencontra seu irmão retornando de

uma incursão, totalmente traumatizado com a guerra, de olhar vago e desnorteado, sagrando com o diálogo em que Chris fala que está orgulhoso do irmão e então o irmão responde “foda-se esse lugar”.

Chris aparenta se manter imune a tais confrontamentos, como um bom soldado norte americano que tem sua índole guiada pelo combate do “mal”, que pode chegar e assolar as terras dos Estados Unidos novamente, como um representante da “doutrina Bush”, porém fica evidente que ele também tem um grande trauma gerado pela guerra, uma vez que fora da guerra ele parece não saber viver. Em seus retornos para os Estados Unidos, observamos a evolução do distanciamento de Chris com sua família, sendo cada vez mais confrontado por sua esposa que diz que ele “tem que voltar para a família”. Chris parece se dar conta de seu estado deplorável quando novamente se vê tendo de apontar o *rifle* para uma criança, mas agora com dois filhos, a pressão de sua decisão em eliminar uma criança que não sabia direito o que estava fazendo parece fazê-lo ceder e reconhecer que há algo de errado, além disso, a sequência de mortes de seus companheiros traz o questionamento tanto ao personagem quanto ao espectador do que está em jogo quando você se coloca a disposição para ir a guerra.

O filme se encerra com Chris Kyle, tentando retornar a uma vida comum como pai e marido, e se reinserir na sociedade encontrando como uma saída ajudar ex soldados com traumas de guerras. A última cena nos revela que Chris consegue voltar para sua família e encontrar uma maneira de viver em paz, saindo para ajudar um ex soldado traumatizado com uma “sessão de terapia”, e por meio de letreiros nos é revelado que Chris é assassinado durante a “sessão”. Nessa cena Eastwood atinge o auge de seu questionamento antiguerra, revelando que mesmo quando se sobrevive a guerra, nunca mais se consegue estar realmente livre dela.

Apesar da maior parte das críticas ao filme questionarem o intuito antiguerra do filme, por se passar mais tempo no ambiente da guerra do que em outros cenários e também por não trazer maiores aprofundamentos nos personagens “do outro lado”, Sniper Americano tem a ousada pretensão de contar a história de um herói de guerra estadunidense e ao mesmo tempo questionar os horrores que a guerra traz na vida de cada soldado que faz sua incursão, seria impossível para o diretor retratar todas as questões complexas de ambas as partes envolvidas na guerra. Nesse quesito, a

escolha narrativa, de retratar o entorno de Chris Kyle e ao mesmo tempo toda a complexidade que o cerca, consegue envolver bem a emoção do espectador ao trazer uma jornada do herói empolgante, com conquistas e ao longo da história desconstruir o mito, ao mostrar que só há um único colega de sua unidade que também sobreviveu aos horrores da guerra. O filme funciona como um melhor filme antiguerra do que “Guerra ao terror” uma vez que ao fim do filme, não há nenhum recurso empolgante que funcione como chamado ao espectador se juntar e defender militarmente seu país.

Este final vem a calhar no momento de saturação norte americana quanto às guerras travadas no Iraque e até questionamentos sobre o Afeganistão. O desgaste dos discursos antiterroristas frente aos recursos perdidos, tanto humanos e financeiros não deixarão de sobrevoar o pensamento dos norte americanos tão cedo. Ao mesmo tempo que há o reconhecimento de quem prestou serviços e arriscou suas vidas nessas guerras, com eventos para veteranos e diversas homenagens em eventos esportivos, em Sniper Americano esse reconhecimento é abordado em todo o momento com cenas duras de soldados que arriscam suas vidas e tropas que sofrem baixas e com a cena final com imagens reais da homenagem que a população norte americana fez nas ruas em que o caixão de Chris Kyle passou.

### **3.3. Rupturas e continuidades**

Uma reflexão sobre as diferenças e aproximações dos estilos narrativos e a as questões culturais que as produções trouxeram pode ser mais propositiva analisando primeiro os dois filmes que envolvem o 11 de setembro diretamente e depois os dois filmes de guerra, é evidente que há diálogos entre todos os quatro filmes e buscaremos trazer reflexões acerca disso também.

Observamos que a questão religiosa é evidente nos filmes “As Torres Gêmeas” (2006) e “O Relutante Fundamentalista” (2012) em que há uma clara ruptura no esforço político em reforçar cristianismo conservador dos norte americanos para uma diversificação dos discursos religiosos, ousando ainda numa tentativa de quebrar preconceitos da maneira mais explícita. Onde antes se explicitava a imagem de Jesus numa saída messiânica para os escombros dos atentados, e aqui trabalhada numa

metáfora em que os escombros físicos, também é o trauma da própria nação dos Estados Unidos, “O Relutante Fundamentalista” traz o outro lado das pessoas que não tinham nenhum envolvimento com o terrorismo, ou até a religião islâmica, mas que sofreram preconceitos pela simples associação física, e ousa em apresentar cenas dos rituais culturais muçulmanos e também de pura manifestação de fé, buscando quebrar o paradigma da nação norte americana e aliados (cristãos e ocidentais) “bons” e os outros como a reencarnação do “mal”. A cena da mesquita em que Changez encontra um caminho para suas aflições se torna icônica trazendo uma localização física do “outro”, ao contradizer o que antes era praticado pelos governos anteriores e que Tatiane Teixeira explicita:

“Esse inimigo não se identifica com nenhum Estado, não tem território e não estabelece nenhum tipo de complementaridade econômica com seu adversário. Aceitar sua existência, nessas condições, significa entrar em uma guerra na qual os EUA definem, a cada momento e da forma mais conveniente, quem é e onde está o rival, perpetuando uma guerra que será mais extensa.” (TEIXEIRA, 2007, p.53, apud. Jaíne Luiza Soares, 2018, p. 4)

Já em “Guerra ao Terror” (2008) e “Sniper Americano” (2015), ambos os filmes se iniciam de maneira parecida, revelando uma situação de guerra, com o mesmo recurso do levantar a suspeita por parte do espectador com os civis árabes, criando uma atmosfera de tensão em que todos são potenciais inimigos, nesse aspecto cabe trazer o início de “O Relutante Fundamentalista” quanto ao levantar a suspeita sobre Changez. Retomando os filmes de guerra, a narrativa também se assemelha bastante quanto a formação do herói, o confronto com personagens esgotados e situações extremas, mas que se mantém intactos às adversidades. Há porém rupturas que se apresentam de maneiras sutis, como por exemplo a personificação de um vilão em “Sniper Americano”, uma vez que o filme revela os inimigos abatidos, especificando o inimigo inquestionável pois representa perigo real, além de Mufasa, que funciona como um archi-inimigo, enquanto em “Guerra ao Terror” não conhecemos o inimigo, ele não é identificado nem abatido, todos os “outros” são o perigo, de novo podemos retomar o

aspecto da generalização do inimigo contra a identificação das partes, que permite a ruptura de preconceitos.

Outra questão é o desenvolvimento psicológico dos personagens, o sargento William James é um homem determinado, inabalável que sabe o que ama e apesar de ter uma família e um filho pequeno, não se importa ao retornar a guerra para consumir a adrenalina que está viciado, assim não há no filme o questionamento dos efeitos da guerra, questão também que estava longe de ser abordada pela gestão Bush-Cheney, existia um objetivo para William, desarmar bombas, assim como se discursava um único objetivo para os Estados Unidos, combater o terrorismo. Já Chris Kyle tem um desenvolvimento de personagem mais reflexivo com mais saltos temporais (4 incursões inteiras, frente a 2 incompletas de “Guerra ao Terror”) para apresentar a evolução do trauma, o filme se esforça em apresentar confrontamentos até a última cena dos letreiros, em que Chris Kyle e o espectador mais militarista é levado a enxergar que há efeitos nos horrores da guerra, assim como na sociedade houveram questionamentos cada vez maiores sobre a legitimidade das guerras, principalmente a do Iraque, e que levou a produção, no mesmo ano, de outros filmes de guerra que não apresentavam mais uma exaltação militarista e um chamado para o combate mas que revelam situações desconfortáveis para os personagens e também para o espectador, como “Corações de Ferro” (*Fury*, 2015), “Invencível” (*Unbroken*, 2015) e “Beats of Nation” (2015),

Por fim parece ser evidente que nenhum filme produzido em Hollywood traz uma reflexão quanto a atuação imperialista do Estados Unidos nos dois filmes da era Obama e muito menos da era Bush-Cheney. A exaltação da nação norte americana se revela de maneira que existe a demonstração da competência nas ações da defesa americana, como a inteligência e efetividade da CIA em “O Relutante Fundamentalista”, que descobre a situação e invade a manifestação para retirar um agente seu do meio do conflito entre manifestantes e autoridades paquistanesas, quanto no funcionamento e organização dos esquadrões, tendo como exemplo máximo de competência Chris Kyle.

Encontram-se indivíduos específicos para os questionamentos e não o quadro geral das causas e efeitos dos infinitos conflitos que os Estados Unidos se envolveram.

No caso dos filmes da era Obama, a culpa do preconceito sofrido pelos muçulmanos que viviam nos Estados Unidos e o equívoco da guerra do Iraque encabeça-se em Bush e Cheney, já nos filmes da era Bush, o inimigo eram os terroristas que causaram traumas aos americanos sem refletir sobre os traumas gerados nas administrações anteriores dentro do território muçulmano. A tomada de responsabilidade dos Estados Unidos frente às questões mundiais, tanto econômicas quanto políticas levam a nação a ter atitudes imperialistas, desembocando no pensamento de que as guerras foram sim terríveis, mas nós como potência assumimos esta responsabilidade.

#### 4. Considerações finais: Um anúncio dos novos tempos

A produção de filmes se diversificou e se tornou mais complexa naturalmente com o tempo, em que antes na era Reagan as produções cinematográficas estavam nas mãos de poucas produtoras hoje há espaço de destaque para produções independentes que conseguem chegar ao *mainstream* sem precisar se sujeitar a grupos de interesses que controlam a narrativa para propósitos específicos. A consagração de Spike Lee em 2019 levando o Oscar de melhor roteiro adaptado com “Infiltrado na Klan” (*Blakkklansman*, 2018) e o surgimento de streamings como a Netflix tornaram o campo audiovisual mais diverso e possível para produções com vozes próprias.

Juntamente com isso, reivindicações insurgentes cada vez mais relevantes como o feminismo e o movimento negro, tem potencializado as mudanças dentro da indústria com a exigência de cada vez maior de representatividade. Representatividade essa que se explicita nos movimentos #oscarsowhite depois do Oscar de 2015 e na cerimônia de 2016 que consagrou produções como “*Moonlight*” (2016) como melhor filme em 2017 e a megaprodução da Marvel “Pantera Negra” (*Black Panther*, 2018), e também no movimento #metoo em 2017, que trouxe a tona denúncias de abusos sofridos por mulheres da indústria que fortaleceu o movimento feminista dentro de Hollywood e tirou de cena grandes nomes que pareciam ser intocáveis para fazerem o que bem entenderem como Harvey Weinstein, sagrando-se com o discurso emocionante de Frances McDormand como melhor atriz no Oscar de 2018, exigindo maior inclusão feminina nos espaços de produção e decisão no cinema.

Ao mesmo tempo, há uma ascendência da extrema direita e do conservadorismo radical frente ao movimentos de representatividade que tornam o cenário extremamente complexo, com pautas como o bloqueio migratório, a negação da ciência, o surgimento de vozes declaradamente racistas, homofóbicas e machistas, aos moldes neonazistas e fascistas.

Assim, torna-se cada vez mais necessário a busca por um pensamento crítico dentro dos estudos da cultura de mídia, pois a luta ideológica dentro dos meios de comunicação tem se fragmentado em partes cada vez menores, e deve-se estar atento

as novas vozes que irão ganhar visibilidade nesse contexto. É de suma importância observar a cadência dos fatos históricos, concluir e refletir para um caminho onde não se cometa erros como um apoio cego a guerras como a do Iraque.

É também importante ficar atento ao fenômeno da polarização, quem vem inflando os debates políticos e transformando o terreno da disputa ideológica cada vez mais minada. Acredito na tendência do ser humano caminhar em favor da evolução, intelectual, cívica e espacial, ao que pode-se observar com obras como “VICE” (2018) que traz a abordagem sem censuras de uma crítica a política norte americana de George W. Bush e Dick Cheney, retratando horrores e abusos cometidos durante as guerras com um tom cômico, ainda que durante a administração de Donald Trump, um republicano conservador que tem ideais retrógrados mas que vem tendo bons índices de aprovação dentro dos Estados Unidos.

O campo do cinema se torna então um lugar de estudo excitante com a imprevisibilidade das transformações da indústria, podemos citar ainda o fortalecimento de circuitos fora dos Estados Unidos como o cinema oriental que vem se fortalecendo também pelo interesse nas grandes produtoras em atingir mercados como a China, mas que fortalecem novas vozes, levando diretores como Bong Joon-ho e seu filme “Parasite” (2019) a ganhar o Palma de Ouro de Cannes em 2019. Além do lento, mas progressivo caminhar da indústria cinematográfica brasileira, que tem levado grandes produções para além de nossas fronteiras desde “Cidade de Deus” (2002), mais recentemente a série “3%” (2016) e o filme “Bacurau” (2019) levando o prêmio do júri de Cannes, também em 2019, contando também com a consagração de atores como Rodrigo Santoro, Wagner Moura e Celton Mello.

Por fim, o 11 de setembro e seus desdobramentos parecem caminhar para a sedimentação dos fatos e a conclusão de erros, entretanto fenômenos como Edward Snowden, o “*Panama Papers*” e o “*WikiLeaks*”, tem revelado a tirania e interesses obscuros entre grandes corporações e governos, assim, apesar de um consenso sobre erros cometidos com a “Guerra ao Terror”, novos desenrolares podem vir a tona. Ao mesmo tempo, a paz parece estar longe de ser alcançada, as consequências das interferências no Oriente Médio tem tido desdobramentos até hoje, com o surgimento de novas redes terroristas como o ISIS. A interferência norte americana também parece

estar longe de ter fim, uma vez que os EUA tem atuado fortemente no Irã e sua pesquisa nuclear, na China com uma declarada guerra comercial e na América do Sul, com inícios de uma interferência na Venezuela e o emparelhamento com o deplorável governo brasileiro de Jair Bolsonaro.

Resta-nos ficar atento às novas movimentações políticas mundiais, defender a educação, incentivar a produção da arte como forma de manifestação cultural, preservar a Terra e buscar a tolerância e aceitação do diferente dentro das nossas vidas. Menos os fascistas, para esse não há lugar nesse e em nenhum outro planeta.

## 5. Referências

'Parasite', da Coreia do Sul, ganha a Palma de Ouro no Festival de Cannes. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/05/25/parasite-da-coreia-do-sul-ganha-a-palma-de-ouro-no-festival-de-cannes.ghtml>>

ANAIS DO VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HIST. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2013/index.php?l=trabalhos&id=179>>

AGENCE FRANCE PRESSE; AGENCE FRANCE PRESSE. Study: Half A Million Iraqis Killed Since U.S.-Led Invasion. Disponível em: <[https://www.huffpost.com/entry/iraq-death-toll\\_n\\_4102855](https://www.huffpost.com/entry/iraq-death-toll_n_4102855)>

All Time Worldwide Box Office Grosses. Disponível em: <<https://www.boxofficemojo.com/alltime/world/>>

American Forces in Afghanistan and Iraq. Disponível em: <<http://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/interactive/2011/06/22/world/asia/american-forces-in-afghanistan-and-iraq.html>>

CNN, Cable News Network, edition.cnn.com/ELECTION/2006/pages/results/house/. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/ELECTION/2006/pages/results/house/>>

CNN, Cable News Network, edition.cnn.com/ELECTION/2006/pages/results/senate/. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/ELECTION/2006/pages/results/senate/>>

Cost of Iraq, Afghanistan and anti-terrorism operations. Disponível em: <<https://journalistsresource.org/studies/government/security-military/cost-iraq-afghanistan-terror/>>

GALLUP, INC. Presidential Approval Ratings -- Barack Obama. Disponível em: <<https://news.gallup.com/poll/116479/barack-obama-presidential-job-approval.aspx>>

GALLUP, INC. Presidential Approval Ratings -- George W. Bush. Disponível em: <<https://news.gallup.com/poll/116500/presidential-approval-ratings-george-bush.aspx>>

GUSTAVOCHACRA. Os EUA, com Obama, realizaram 26.171 bombardeios em 2016. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/os-eua-com-obama-realizaram-26-171-bombardeios-em-2016/>>

INM. Leading Article: The Obama promise of hope and change. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20110515091856/http://www.independent.co.uk/opinion/leading-articles/leading-article-the-obama-promise-of-hope-and-change-981761.html>>

INM. Leading Article: The Obama promise of hope and change. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20110515091856/http://www.independent.co.uk/opinion/leading-articles/leading-article-the-obama-promise-of-hope-and-change-981761.html>>

Iraq: the Human Cost. Disponível em: <<http://web.mit.edu/humancostiraq/>>

IZAWA, M. A imagem das organizações no cinema: análise dos estereótipos nas produções cinematográficas, 2006

Kathryn Bigelow: interview with Time Out Film. Disponível em: <<https://www.timeout.com/london/film/kathryn-bigelow-interview>>

KELLNER, D. Cinema wars: Hollywood film and politics in the Bush-Cheney era. Tradução . [s.l.] Wiley-Blackwell, 2011.

KELLNER, D. Media culture: cultural studies, identity and politics between the modern and the postmodern. Tradução . [s.l.] Routledge, Taylor & Francis Group, 2011.

KNICKMEYER, E. Details Emerge in Alleged Army Rape, Killings. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2006/07/03/details-emerge-in-alleged-army-rape-killings/c5b3acad-3e31-400c-87fe-0863ab71c4ca/?utm\\_term=.30e7ec290657](https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2006/07/03/details-emerge-in-alleged-army-rape-killings/c5b3acad-3e31-400c-87fe-0863ab71c4ca/?utm_term=.30e7ec290657)>

Minnesota voters send first Muslim to Capitol Hill. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2006/POLITICS/11/08/muslim.elect/>>

Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual. Disponível em: <<https://oca.ancine.gov.br/publicacoes>>

PARTLOW, J. U.S. Soldier Reportedly Described Rape Scene At Hearing in Iraq, Investigator Tells of Statement Made by Man Charged in Case. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2006/08/08/us-soldier-reportedly-described-rape-scene-span-classbankheadat-hearing-in-iraq-investigator-tells-of-statement-made-by-man-charged-in-casespan/dcbbe013-1ee0-4f0e-9dde-283a20a4ce92/?noredirect=on&utm\\_term=.1239dff9706b](https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2006/08/08/us-soldier-reportedly-described-rape-scene-span-classbankheadat-hearing-in-iraq-investigator-tells-of-statement-made-by-man-charged-in-casespan/dcbbe013-1ee0-4f0e-9dde-283a20a4ce92/?noredirect=on&utm_term=.1239dff9706b)>

Sniper Americano. Disponível em: < <https://www.imdb.com/title/tt2179136/>>

Sniper Americano se torna o filme de guerra com maior arrecadação da história. Disponível em:

<<https://web.archive.org/web/20150404064559/http://qstage.com.br/cinema-tv/sniper-americano-se-torna-o-filme-de-guerra-com-maior-arrecadacao-da-historia/>>

SOARES; LUIZA, J. Hollywood no Pós-11 de Setembro: o papel do cinema nos governos George W. Bush (2000-2009). Disponível em:

<<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/22420>>

SOUSA, R. R. GUERRA AO TERROR, GEOPOLÍTICA, REPRESENTAÇÕES E PAISAGENS NO CINEMA NORTE-AMERICANO APÓS 11 DE SETEMBRO DE 2001.

Disponível em: <<http://www.ensaios-posgeo.uff.br/index.php/EG/article/view/74>>

REGIO, M. Imagens e memórias: a representação do 11 de setembro no cinema norte americano, 2017

SOUSA, R. R. Guerra Ao Terror, Geopolítica, Representações E Paisagens No Cinema Norte-Americano Após 11 De Setembro De 2001. Ensaios de Geografia, v. 2, n. 4, p. 50, 2014.

STAFF, L. A. T. Watch Frances McDormand's rousing speech that just fired up the Oscars. Disponível em: <<https://www.latimes.com/entertainment/la-et-oscars-2018-90th-academy-awards-watch-frances-mcdormand-s-rousing-speech-1520228247-htmlstory.html>>

STRUYK, R. George W. Bush's favorable rating has pulled a complete 180. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2018/01/22/politics/george-w-bush-favorable-poll/index.html>>

TAYLOR, A. 149,000 people have died in war in Afghanistan and Pakistan since 2001, report says. Disponível em:

<[https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2015/06/03/149000-people-have-died-in-war-in-afghanistan-and-pakistan-since-2001-report-says/?noredirect=on&utm\\_term=.393f5b4d9261](https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2015/06/03/149000-people-have-died-in-war-in-afghanistan-and-pakistan-since-2001-report-says/?noredirect=on&utm_term=.393f5b4d9261)>

The Hurt Locker. Disponível em: <[https://www.imdb.com/title/tt0887912/?ref\\_=ttawd\\_awd\\_tt](https://www.imdb.com/title/tt0887912/?ref_=ttawd_awd_tt)>

The Reluctant Fundamentalist. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt2032557/>>

World Trade Center. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0469641/>>

ZELNY, J.; COWELL, A. Addressing Muslims, Obama Pushes Mideast Peace.  
Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2009/06/05/world/middleeast/05prexy.html>>